**Simpósio 2021 da TSBVI/SC - Maier & Coburn.mov**

**Julie Maier** [00:00:01] OK, Olá. Bem-vindo a “Construindo relacionamentos positivos e de apoio com os pares”. Eu sou Julie Maier.

**Kayla Coburn** [00:00:09] E eu sou Kayla Coburn

**Julie Maier** [00:00:12] E somos especialistas em educação com serviços de Surdocegueira na Califórnia e estamos entusiasmadas com o fato da equipe do Texas ter nos convidado para apresentar em seu simpósio deste ano. Então, Kayla, por que você não conta um pouco sobre como nossa amizade floresceu.

**Kayla Coburn** [00:00:33] É claro. Tive a sorte de ser aluna da turma de Julie na FSU, e isso foi, quero dizer, há cinco, seis anos. E então entrei em um programa de especialização em que Julie ainda era a professora, mas começamos a viajar mais. E realmente, você sabe, ela foi uma grande mentora para mim. Nós apenas começamos a nos entender cada vez mais. E então me formei e Julie começou a se tornar minha amiga. E então eu realmente queria o trabalho dela. Então, eu estava perguntando a ela como conseguiria isso. E então, em vez disso, me tornei sua colega de trabalho. E assim, ao longo dos anos, mudamos para muitos papéis diferentes. E Julie sempre foi uma pessoa muito positiva e solidária para mim, mesmo como colegas de trabalho, Julie, como alguém em quem confio muito e admiro. Nosso relacionamento evoluiu ao longo dos anos em que nos conhecemos. Mas Julie sempre foi uma grande pessoa de apoio e sempre me ajudou a me sentir incluída, especialmente em nossa área. As pessoas que apoiam outras pessoas, como Julie para mim, podem encorajar ambientes mais inclusivos e uma comunidade mais forte. Nesta apresentação vamos explicar como relacionamentos positivos e de apoio como o nosso podem beneficiar educacionalmente os alunos, como você pode apoiar relacionamentos com colegas e como fornecer informação apropriada para todos os alunos.

**Julie Maier** [00:02:02] Obrigado, Kayla, se eu pudesse apenas adicionar "dois dedinhos". Outra razão pela qual acho que nossa amizade e nosso relacionamento são tão bons é porque temos muitos interesses em comum. Portanto, há muitas coisas que gostamos que são iguais. Mas também nos divertimos muito juntas. Kayla me faz rir e eu gosto de estar perto de pessoas que são divertidas e engraçadas. Então esse é outro motivo pelo qual ela se destacou como uma de minhas alunas e comecei a gostar de passar tanto tempo com ela. E ela também tem sido um grande apoio para mim. Kayla me deixa animada para aprender coisas novas o tempo todo. Ela é, pelo menos, uma geração mais jovem do que eu. Então ela é realmente alguém que está me mantendo na ponta dos pés. Então, temos sorte de termos uma a outra. Tudo certo. Então, vamos seguir em frente. E Kayla nos deu essa bela introdução. E isso se baseia em alguns artigos que escrevi para nosso boletim informativo, para nosso projeto estadual, e falarei mais sobre isso mais tarde. Mas escrevi dois artigos que realmente falavam muito sobre a importância de desenvolver amizades e pensar em relacionamentos positivos para todas as crianças. E a razão pela qual acho isso importante é porque o apoio e o suporte que os amigos oferecem, seja você uma pessoa que pode ver e ouvir, seja pessoa com surdocegueira, seja uma pessoa com um tipo diferente de deficiência ou algum tipo de necessidade. E também relacionamentos positivos fazem com que você se sinta pertencente à comunidade. E acho isso muito importante. E há inúmeras oportunidades para as crianças aprenderem habilidades sociais com seus colegas em vez de ter que aprender isso com um adulto. É muito melhor aprender com seus irmãos ou colegas da mesma idade. E estudos mostram que as crianças que têm relacionamentos ricos e de apoio na verdade gostam mais da escola e têm sentimentos realmente intensificados de autoconfiança e autoestima. E aqui você vê algumas fotos adoráveis ​​ao lado de dois meninos que estavam na escola. Essa é de quando a classe ou a escola era dela e eles estão se abraçando aí embaixo. Estes são dois alunos com quem trabalhei anos atrás nas Escolas Unificadas de Berkeley, quando era professora de apoio à inclusão. E aquele aluno de vermelho está sendo ensinado a jogar um jogo de cartas com um de seus colegas da classe do primeiro ano. Então, para mim, isso sempre foi tão importante quanto ensinar todos os conteúdos ou as habilidades de comunicação ou a tecnologia, é ensinar as crianças como se darem bem e como formar esses relacionamentos positivos. Mas acho que com a escola e falo sobre isso em meus treinamentos pré-serviço que faço na Universidade Estadual de São Francisco, bem como em outras apresentações que faço, acho que muitas vezes não pensamos sobre a importância da amizade em Educação. Pensamos mais nos conteúdos. Pensamos mais no progresso das metas do PEI. Nós pensamos mais sobre isso e por um bom motivo. Nós pensamos em aprender uma língua, aprender a ler. Porém as amizades e relacionamentos são realmente essenciais para a qualidade de vida, têm um grande impacto na qualidade de vida de uma pessoa. E nós não medimos isso em nossas avaliações anuais. A única maneira de ser realmente medido é como, talvez, como as crianças se vêem ou como as pessoas podem julgar as crianças em termos de sua popularidade ou conexões. Mas acho que adultos, como adultos, precisamos realmente pensar sobre a importância desse tipo de relacionamento e fazer mais para promover habilidades sociais e relacionamentos positivos ao longo da vida de uma criança. Também, todos os tipos de atividades e rotinas na escola, bem como em casa e depois em toda a comunidade, à medida que as crianças vão crescendo. Então, para alguns alunos, isso acontece naturalmente e para outros temos que apoiar muito mais. Como disse no último slide, falei apenas sobre a importância disso em termos de um indicador de qualidade de vida e satisfação, mas também, quero dizer, há razões para as crianças se conectarem. É mais divertido estar com seus amigos do que com adultos o dia todo. E as crianças naturalmente dão muito apoio umas às outras nesse sentido de comunidade. E é algo que eu acho que esperaríamos que todas as crianças, independentemente de suas habilidades ou independentemente de se elas serem videntes ou ouvintes ou com surdocegueira, pudessem ter essa experiência natural que a maioria das crianças e jovens têm. Mas o que eu falei um pouco no primeiro artigo que escrevi em nosso boletim informativo é que isso pode ser difícil para algumas pessoas com surdocegueira. Pode ser difícil para eles começar a formar esses relacionamentos ou mantê-los, especialmente para os alunos que são comunicadores emergentes. Aqueles que não são fluentes em termos de linguagem falada ou usam uma linguagem visual como Língua de Sinais Americana ou alguma outra forma de língua de sinais. Portanto, para esses indivíduos, eles têm especialmente essa dificuldade em formar esses relacionamentos. E há razões específicas para isso. Alguns dos fatores que o afetam têm a ver apenas com as oportunidades limitadas de desenvolvê-los porque não estão perto de outras crianças que não têm deficiências. Portanto, se as crianças são segregadas, é menos provável que formem relacionamentos com seus pares. É simples assim. Há também um impacto significativo na limitação, na visão, audição e comunicação e habilidades sociais. Então, para uma criança com surdocegueira que não tem visão para captar todas as pistas não-verbais que seus colegas possam estar mostrando ou que não falam a mesma língua porque talvez usem alguma forma de língua de sinais ou usam algum outro sistema de comunicação, seja um dispositivo de CA ou algo de mais baixa tecnologia ou pistas de objetos, coisas assim. Elas têm essas limitações. Isso pode realmente impactar se os colegas vão se sentir confortáveis ​​em abordá-las e saber como manter as interações e desenvolver essa amizade. Diferentes modos de comunicação certamente podem ser algo que pode separar as crianças se elas não forem ensinadas como a outra pessoa se comunica. E eu acho que os colegas simplesmente não têm consciência do impacto das diferenças sensoriais que os indivíduos podem ter e do apoio que alguns desses alunos usam. E muitas vezes o que eu descobri quando estava ensinando e não mencionei isso antes, nós duas trabalhamos como educadoras especiais apoiando crianças com surdocegueira, cada uma de nós teve essa experiência como educadoras. E então nós duas trabalhamos como professoras de educação especial com crianças com muitas necessidades de suporte. Então, tanto quando eu era uma educadora de pares quanto quando era uma professora, passei muito tempo compartilhando informações com os colegas dessas crianças sobre o que era e como a visão daquela criança poderia ser, ou como eles podiam ouvir ou por que eles usavam um aparelho auditivo ou porque um dispositivo coclear. Portanto, as crianças têm muitas perguntas e não sabem das coisas. E então, como adultos, precisamos pensar sobre o que elas não sabem e o que seria útil que elas soubessem. E, finalmente, ainda, para algumas dessas crianças, se você lhes der a informação, isso ainda não é suficiente. Você tem que passar algum tempo e hoje vamos falar sobre as estratégias de intervenção que podem ajudar em termos de conectar as crianças para facilitar e apoiar essas interações recíprocas e maneiras de elas estarem em atividades compartilhadas, engajadas em conjunto. OK, então vou respirar um pouco por um segundo. Deixar você absorver isso. Esta é minha amiga Aubrey,e ela é uma jovem com síndrome de CHARGE. Ela é uma estudante universitária. Ela cresceu em Missouri e frequenta a faculdade no estado de Mississippi. E ela é realmente notável. Sempre gosto de passar tempo com ela quando a vejo nas conferências de CHARGE e interagir com ela no Facebook e outras redes sociais. E achei que poderia ser útil, ao planejar esta apresentação, realmente conversar com alguém com surdocegueira e que frequentou o sistema de escola pública e quis saber o que ela achava sobre as amizades e como era fácil de fazer e quais coisas os adultos fizeram que ajudaram? E recebi uma espécie de resposta surpresa, mensagens confusas. Ela foi capaz de me contar sobre muitas coisas positivas que aconteceram. Mas ela também me disse que havia muitas coisas que estavam faltando e ela realmente sentia que estavam faltando. Uma falta de compreensão entre seus pares, de realmente entender a diversidade e a diferença e saber muito sobre sua surdocegueira e saber muito sobre a síndrome CHARGE, então ela acha que havia muitas coisas que poderiam ter sido feitas melhor. E ela queria que eu soubesse como foi ótimo quando ela entrou para a faculdade comunitária. Ela foi para uma faculdade comunitária antes de entrar em uma faculdade de quatro anos. E ela disse que de repente havia tanta diversidade ali que de repente não importava muito que ela falasse diferente e que ela parecesse um pouco diferente e que ela era mais baixa, coisas assim. Então, uma das dicas que ela me deu foi, antes de tudo, visibilidade. Ela disse que as crianças precisam ter a chance de ver outras crianças e estar perto delas para essas coisas, para que esses relacionamentos se formem. E então ela também me disse e realmente enfatizou várias vezes em nossa conversa que os adultos têm que ser modelos. Ela disse que os colegas observam o que os adultos estão fazendo e como tratam as crianças o tempo todo. Portanto, não importa o que você diz a elas ou se você lê um livro para elas ou algo assim, é como você está interagindo diariamente, falando com elas e as tratando. Ela acha que precisa haver muito mais treinamento de diversidade nas escolas e que o treinamento para deficientes deve fazer parte disso, especialmente focando em como as crianças se comunicam, crianças que se comunicam de maneira diferente, ajudando-as a entender. Ela até falou sobre seu ensino médio, eles criaram um grupo para língua de sinais. E isso era algo que ela e outras crianças gostavam, embora ela mesma seja fluente o suficiente na fala, ela realmente tinha interesse em aprender mais sobre a língua de sinais para que ela pudesse se comunicar com mais pessoas que ela conhece que fazem língua de sinais. Mas então havia outros pares. Então, cinco ou seis crianças se juntaram a isso. E essa foi uma forma de se conectar. E então ela disse que as crianças realmente precisam ter a chance de conhecer o indivíduo e conhecê-lo individualmente. Então, não juntando todas as crianças por um rótulo ou algo assim, mas realmente fazendo o que puder para ajudar as crianças a passarem um tempo juntas e se conhecerem. E então, finalmente, ela me disse que realmente teve oportunidades. E eu acho que isso foi uma coisa boa na escola dela. Ela teve a oportunidade de apresentar informações sobre a síndrome de CHARGE e sobre a surdocegueira para seus colegas, seja mostrando fotos de quando era mais jovem ou falando em encontros de conscientização de habilidades. Essas são apenas algumas dicas que gostaria de dar de uma pessoa que já passou por essa experiência. Então, nós conversamos e se eu voltar ao que Aubrey disse sobre que as crianças têm que se ver, é preciso haver visibilidade, ela passou pela escola e estava nas aulas de educação regular. Então, ela esteve o tempo todo e se formou no ensino médio com seus colegas. Mas ela se lembra das crianças que estavam na aula de atividades de vida social em sua escola. E ela disse que eles estavam completamente separados. Eles estavam em um corredor diferente. A porta deles estava sempre fechada. Você não os via em diferentes eventos escolares. E ela disse que isso realmente mandava uma mensagem de que eles não faziam parte da comunidade ou que eram realmente diferentes e algo com que não precisávamos nos preocupar ou que não gostaríamos que nossas crianças conhecessem. Assim queríamos realmente enfatizar nesta apresentação que essa presença, ter presença, fazer parte de uma comunidade é muito, muito importante para formar relações sociais. Então, é diferente de estar presente. Portanto, não estamos falando sobre integração de crianças apenas colocando-as em uma classe e eles terem um assento na sala, porém sem fazer nada para dar informações aos colegas ou conectar as crianças. Crianças que têm uma presença ou pessoas com presença em uma comunidade, as pessoas os conhecem não apenas pelo nome para dizer oi Kayla, oi Julie, mas eles também sabem no que estão interessados. Eles sabem quem são seus times esportivos favoritos. Eles sabem se são bons artistas, se é uma criança sabem quais são seus livros favoritos, qual é sua cantora favorita ou se ela é uma fashionista ou se ela é realmente boa em “Dungeons and Dragons” e coisas assim. Então, eles sabem essas coisas sobre uma criança em particular e que tipos de suporte usam, e também se espera que as pessoas com presença em uma comunidade estejam contribuindo com algo de valor. Portanto, não importa o que seja, mesmo que você seja o garoto que tem as piadas mais engraçadas. Trabalhei com algumas crianças com surdocegueira que tinham múltiplas deficiências, mas tinham os maiores e melhores sorrisos do mundo. E eles eram tão populares nas escolas só porque quando você vinha e dizia oi para David e ele demorava cinco, seis segundos para direcionar seu olhar para você e sorrir, e então ele tinha aquele sorriso enorme e fazia seus colegas se sentirem tão vistos e felizes que essa foi uma forma simples de ele contribuir e de ser um membro importante da comunidade escolar. Então, o que vamos compartilhar nos próximos momentos juntos - vou verificar e ver- temos cerca de 40 minutos restantes. Vamos falar sobre apoiar, desenvolver como você apoia esses relacionamentos em pares de três maneiras. Primeiro, aumentando as oportunidades, fornecendo informações e, em seguida, usando estratégias de facilitação de modelagem, coaching, configuração e, em seguida, desaparecimento e, em seguida, encorajando e apoiando o relacionamento. Portanto, cinco coisas simples a fazer para expandir as oportunidades. Primeiro, procure oportunidades para as crianças participarem de aulas inclusivas e integradas, talvez não o dia todo. Nós sabemos disso. A decisão do PEI sobre onde uma criança deve ser atendida é individual, mas muitas crianças podem se beneficiar por ter pelo menos algum tempo no dia em que estão com seus colegas da educação regular usando espaços comuns. Então almoçar no refeitório, ir à biblioteca quando as outras turmas estão lá, sair para o recreio na mesma hora. O terceiro é engaja-los em atividades comuns ao mesmo tempo, então ir a eventos em toda a escola, como assembleias que eles têm, ingressar nas aulas na biblioteca se são crianças mais velhas, passar de uma aula para outra e estão fazendo essas coisas durante esses períodos de intervalos quando outras crianças estão lá, almoçando no refeitório ao mesmo tempo. Realmente isso. E você faz um balanço em sua escola, você meio que presta atenção a quando essas coisas estão acontecendo, como o fluxo está indo na escola, e você se certifica de que suas crianças estão presentes nesses momentos também, e então compartilham atividades em torno de interesses. Portanto, podemos falar muito sobre ter uma criança muito conhecida em sua classe. As pessoas sabem seus nomes. Eles sabem algumas coisas sobre eles. Mas as amizades verdadeiras e os relacionamentos mais positivos, duradouros e positivos com os colegas de escola acontecem em torno de atividades compartilhadas, crianças que gostam das mesmas coisas e têm os mesmos interesses. Então, eles vão se juntar a um grupo de estudos ou vão jogar o mesmo jogo que gostam no recreio, ou vão gostar de escolher os mesmos livros durante a Hora de Leitura. E então finalmente, portanto, essas são todas as coisas que poderiam ser fáceis de fazer porque são coisas que já estão acontecendo na escola. E então a última coisa que acontece nas escolas que devemos pensar, porque este é um bom lugar para começar relações sociais, é pensar nos grupos de trabalho escolar e atividades extracurriculares que acontecem na sua escola. Então eu acho que Kayla, eu lembro que você, eu acho que você era uma líder de torcida e fez alguns treinamentos de líderes de torcida. Não sei se você já trabalhou com crianças que precisavam de suporte extra.

**Kayla Coburn** [00:18:29] Sim, começamos um grupo de dança em uma das minhas escolas com outra professora que dançava. Então entre nós duas, nós fomos capazes de coreografar coisas. E ouvimos que ela era professora de educação regular e eu, professora de educação especial. Então, deu a todos a oportunidade de vir e fazer isso e fomos capazes de acomodar a todos. E eu quero dizer, foi tão bom. Os alunos adoraram fazer isso. Todos os alunos adoram fazer isso. As performances sempre foram incríveis, pois sempre foram coisas muito, muito positivas.

**Julie Maier** [00:19:09] Isso é ótimo. Obrigado. Há algo mais do que foi dito antes que você gostaria de compartilhar?

**Kayla Coburn** [00:19:16] Sim, bem, apenas a qualidade de vida que você estava dizendo no final, na verdade a foto dos dois alunos se abraçando e esses são dois alunos sendo que o aluno que era meu aluno, ele deu uma festa de aniversário naquele ano e convidou muitos colegas da sala de aula regular e a maioria deles veio e ele simplesmente teve o melhor aniversário de todos. Este foi o único aniversário que ele teve com, tipo, não apenas com a família. E todos voltaram para a escola na segunda-feira falando sobre essa festa de aniversário incrível e na cama elástica. E, eu quero dizer, foi um grande momento que esse aluno teve. Você sabe, ele estava começando na minha classe, que foi rotulada como uma classe de educação especial moderada e severa e agora ele está em um ambiente escolar totalmente inclusivo, com amigos genuínos e reais. E isso definitivamente funciona.

**Julie Maier** [00:20:19] Obrigado. Isso é ótimo. E eu adoro que você tenha falado sobre ir para a cama elástica e outras coisas que as outras crianças podem gostar. Isso traz de volta a mesma ideia de compartilhar interesses e fazer coisas que as crianças dessa idade gostam de fazer juntas. Então obrigado. Então, a última coisa que acho que quero dizer antes de irmos para Kayla com a parte de consciência de habilidade são apenas oportunidades de conexão. E isso é uma coisa muito simples que digo aos professores o tempo todo quando estou dando aulas para eles ou quando estou supervisionando em campo ou se vou ver uma equipe que está trabalhando com uma criança com surdocegueira é, eu acho que as crianças precisam dessas oportunidades para se conectar e se comunicar e interagir diretamente tanto quanto possível, e para muitas crianças, elas precisam do apoio de um adulto. Então, elas precisam de um interventor, do professor ou de outra pessoa que os ajude a realizar a atividade em que estão envolvidas. Mas acho que muitas vezes os adultos atrapalham porque os adultos estão fazendo coisas para as crianças em vez de fazerem coisas com as crianças ou os colegas que se aproximam do aluno sentem que precisam falar primeiro com o adulto e meio que interagir com eles e não com os alunos. Portanto, acho que realmente temos uma boa pergunta que acho que os adultos devem sempre fazer antes de fazerem qualquer coisa com um aluno ou para um aluno, eles precisam dizer, eu preciso fazer isso com o aluno ou posso pedir a uma criança para fazer isso? E se a resposta for que um colega pode fazer isso, então seu papel deveria mudar. Ser esse facilitador e ajudar a que essa interação entre pares aconteça ao invés do adulto estar lá fazendo isso. Portanto, acredito que essa é a última coisa que tenho a compartilhar. E então, Kayla, vou passar para você.

Kayla Coburn [00:22:02] Obrigada, Julie. Esta é uma citação que encontrei no Instagram e que adoro. Uma criança com deficiência muitas vezes passa horas sendo ensinada a interagir com outras pessoas. Mas por que não gastamos tempo ensinando as pessoas sem deficiência como interagir com elas? Eu acho que esta é apenas uma ótima citação porque é algo que quero dizer, saindo dali, você sabe, quando os adultos podem se afastar e deixar o colega entrar? Quero dizer, é como se precisássemos deixar de lado as rodinhas de treinamento e empurrar as pessoas para continuar trabalhando juntas e então descobrir isso. É sempre meio interessante para mim quando as pessoas me perguntam como falar com alguém, tipo, você sabe, como você falaria com alguém, tipo, você sabe, não coloque a deficiência deles em primeiro lugar. Quer dizer, diga oi e veja o que acontece. E, você sabe, se eles tiverem um dispositivo de CA ou fizerem língua de sinais, como alguém provavelmente irá ajudá-lo. Mas é muito importante deixar a comunicação acontecer naturalmente até certo ponto. Mas eu amo essa citação. E isso definitivamente nos leva aos próximos slides. Então, preparando o ambiente. Portanto, esta é uma ótima maneira de começar a falar sobre habilidade, consciência, adoro fazer habilidade de consciência . Eu fiz isso no ensino fundamental e médio. Todos podem realmente se beneficiar disso e você está realmente ensinando os alunos sobre a sua sala e como se comunicar, e quero dizer o que Julie estava dizendo sobre Aubrey falando sobre os alunos que tinham suas próprias salas e estavam meio isolados de todo mundo, você sabe, isso nunca é uma coisa boa. Sempre tentei tornar minhas salas de aula abertas a todos. Eu tinha minhas portas abertas. Eu diria aos professores da educação regular: mande seu aluno como se você precisasse de um descanso desse aluno, mande-os e eles podem vir ler um livro para nós. Eles podem vir se juntar a nós para artes ou qualquer tipo de atividade em que possamos colocá-los. Então, isso simplesmente não tornou a sala de educação especial como esta sala separada e, você sabe, apenas mais uma vez, trouxe consciência. Então, novamente, encontrar atividades para que todos pudessem desfrutar. Fiz uma aula para amigos quando era professora primária. Fiz uma aula para amigos onde metade da classe era de educação regular e metade da minha classe de educação especial. Nos misturamos, então todos nós estávamos misturados em duas salas de aula diferentes e estávamos fazendo as mesmas atividades, mas estávamos, você sabe, incluindo todos e encontramos atividades que todos poderiam fazer. Portanto, algumas delas podem ser bastante simples para um estudante de educação regular. Mesmo assim, foi algo divertido que eles gostaram de fazer. Fosse colorir ou fazer um projeto de arte ou aprender uma dança ou esporte ou qualquer outra coisa como o tema era o que estávamos tentando fazer naquele mês e era apenas uma atividade compartilhada. Nós tentamos encontrar interesses comuns e realmente focar nisso para tentar desenvolver mais relacionamentos. E ter uma zona livre de julgamento é algo que eu sei que pessoalmente tive que trabalhar, porque como alguém que é um defensor da educação especial, às vezes as pessoas faziam perguntas e eu ficava ofendida imediatamente sendo que, você sabe, elas estavam aprendendo como fazer uma pergunta. Então, isso é algo que eu faria no início de cada conscientização de habilidade é que deixaria bem claro no início, todas as perguntas são bem-vindas. Qualquer pergunta que você tenha, não se sinta mal em perguntar. Esta é a hora. Sabe, se você não sabe como perguntar, posso mostrar como fazer. Como seria uma maneira apropriada de perguntar. E então, apenas checando com os alunos e colegas, pois, novamente, você não quer apenas colocá-los em uma sala de aula e presumir que todos vão descobrir isso. Nós, como professores e adultos, realmente precisamos mostrar esse exemplo. Nós realmente precisamos ensinar a todos como se unir. O que me leva ao próximo slide: “fornecer informações”. Então, as interações recíprocas ocorrem quando duas ou mais pessoas são capazes de comunicar mensagens e compartilhar ideias e emoções facilmente entre si. Quer dizer, eu adoro todo esse ponto. Tipo, quem não quer fazer isso? Eu e a Julie, nosso relacionamento tem sido de muita comunicação, muita troca de ideias e coisas em comum. É uma coisa tão importante que queremos fazer, encontrar uma maneira de fazer com que seus alunos se comuniquem entre si. Também é muito importante se um aluno estiver usando um dispositivo de CA, você encontrará maneiras de fazer com que os alunos da educação regular se comuniquem usando-o facilmente. Eu estava fazendo muita língua de sinais em todas as minhas aulas, então um grupo de estudos de língua de sinais era algo que facilmente podíamos fazer e então praticaríamos cumprimentos uns com os outros, mesmo que meus alunos usassem apenas a língua de sinais para dizer, tipo, “me ajude”. Então estaríamos em aula de amigos . E se um dos meus alunos sinalizasse ajuda, eu nem sempre teria que intervir. Outro par poderia reconhecê-lo, e então eles pulariam e diriam, Oh, você precisa de ajuda, com o que você precisa de ajuda? E, quero dizer, era uma maneira tão fácil com que eles pedissem ajuda a um colega, o que muitos alunos fariam em vez de ir ao professor ou ao adulto todas as vezes. Mas sim, acolhendo as perguntas. Quando eu era uma paraeducadora com meu aluno com surdocegueira, este foi meu primeiro ano realmente trabalhando nas áreas de educação especial. E um aluno veio e me perguntou por que ele parecia um alienígena. E fiquei tão surpresa com a pergunta que a minha primeira resposta foi, oh, não dizemos isso. Isso não é legal. E então, olhando para trás, tipo, eu não pensei em dizer, tipo, sabe, tipo, bem, é outra maneira que poderíamos ter perguntado, tipo, você está dizendo isso porque você sente que os olhos dele estão em um lugar diferente? Ou, você sabe, poderia ter sido mais uma conversa, mas minha reação inicial foi, não, não diga isso, isso é ruim. Tipo, isso significa que o aluno estava tentando fazer uma pergunta realmente honesta. E eu acho que são momentos como esse que podem ser um momento tão ensinável que nós meio que, como os adultos fazem você se lembrar de dar um passo para trás e, você sabe, permitir que essas perguntas surjam e então meio que ensiná-las, você sabe, talvez como reformulá-la ou, você sabe, apenas como respondê-la em geral. Uh, próximo slide, a menos que você tenha algo a acrescentar, Julie. Então, no ensino fundamental, você fala muito sobre ser diferente e o que também temos em comum. Minha atividade favorita seria esta atividade de quebra-cabeça onde eu pegaria um quebra-cabeça em branco e então cortaria todas as peças. Eu dei a todos um pedaço. E todos eles decoraram à sua maneira, e então eles diziam alguma coisa única sobre si mesmos na pequena peça do quebra-cabeça e às vezes diziam, eu tenho olhos castanhos ou tenho uma grande família. Eu gosto de Pokémon. E então montamos o quebra-cabeça. Então, depois que eles terminaram de decorá-lo, eu tinha o grande quebra-cabeça na frente da classe, e eles vieram e colaram todas as peças no quebra-cabeça. E então conversamos sobre como nosso quebra-cabeça se tornou diferente, único e colorido e como é incrível que, embora sejamos todos tão diferentes, todos gostamos de nos reunir como uma comunidade e dependemos uns dos outros. E então, para crianças realmente pequenas, eu sempre dizia, você sabe, quem pode me mostrar que pode ser um professor auxiliar e garantir que todos se sintam incluídos? E isso não seria exatamente almejando os alunos com deficiência. Eu fazia isso a mais, pois todo mundo quer ser incluído. Se você visse alguém sentado sozinho no banco, talvez devesse ir falar com ele e ser aquele professor ajudante porque todas as crianças pequenas, sabe, adoram ajudar os adultos. E então um pouco desse tipo de linguagem sempre ajudou, o que eu adoro no ensino fundamental I. Eu amo todas as crianças pequenas. Eu amo que todas elas amam ser minhas ajudantes porque no ensino fundamental II e no ensino médio não são a mesma coisa. Eles não se importam tanto. Mas eu também trabalhei em um ambiente de escola secundária e minha consciência de habilidade que eu fazia nesse ambiente era, bem, primeiro eu teria que "subornar" todos com doces para participarem da conscientização de habilidade então eu tinha que ter doces em meus bolsos e eu primeiro perguntava o que você está realmente ansioso para fazer no ensino fundamental II ou no ensino médio? E as pessoas diriam jogos de futebol e danças e novos amigos, novos grupos. Bem, você sabe, primeiro foi como arrancar os dentes, tentar fazer a primeira pessoa dizer alguma coisa, e então eu jogava um doce para ela e então de repente todos estavam com as mãos para cima. Então eu tinha um quadro cheio de coisas que as pessoas estavam muito animadas para fazer no ensino fundamental II e no ensino médio. E então eu voltava e dizia, bem, você sabe, os alunos da minha sala de aula estão realmente animados para isso também, então como são nossas maneiras de incluí-los nessas situações? E na escola em que trabalhei, começamos a fazer com que meus alunos frequentassem os bailes da escola. Tínhamos um grupo no almoço que estava funcionando. Uma tropa de escoteiras que queria fazer isso e isso não é realmente algo como “melhores amigos”, mas ainda era como uma coisa de amigos e tínhamos atividades diferentes, você sabe, coisas que meus alunos estavam interessados ​​e os alunos do ensino regular estavam interessados. Nós os tínhamos juntos e tínhamos jogos e todos esses tipos de coisas diferentes. Mas exigiu muita criatividade. E, você sabe, é muito importante que saia dos alunos, você sabe, que idade eles têm, as habilidades, os objetivos. Mas então a consciência de habilidade, eles podem parecer diferentes para cada grupo de sala de aula da escola, mas é importante saber, saber o que seus alunos são capazes de fazer e agora o que você quer ensinar outras pessoas a fazer para tornar um ambiente inclusivo completo porque é possível. OK, próximo slide.

**Julie Maier** [00:33:41] Isso foi muito bem resumido, certo?

**Kayla Coburn** [00:33:47] Oh, obrigada.

**Julie Maier** [00:33:47] O que está acontecendo? Aqui vamos nós.

**Kayla Coburn** [00:33:50] OK, “Informações para compartilhar”. Assim, novamente, isso pode parecer diferente para muitos alunos, por isso é importante saber, seus pontos fortes, seus talentos. Realmente, você tem que deixar sair do aluno. Eu não posso simplesmente lhe dar uma conscientização de habilidade e você vai e faz e terá sucesso em todas as salas de aula. Você realmente precisa ter certeza de que atende às suas necessidades específicas. Enfatize as semelhanças com os colegas. Esta foi uma das minhas coisas favoritas para as peças do quebra-cabeça porque eu sentava na frente e esperava que elas passassem e normalmente havia algumas parecidas onde várias delas gostavam de Frozen ou Pokémon. E me dava certeza para dizer, oh, eu tenho um aluno na minha sala de aula que adora Pokémon, acho que devemos falar com ele sobre isso. E isso ajuda os alunos em geral, os alunos típicos a ver, como se todos tivéssemos semelhanças entre nós. O impacto das perdas sensoriais, então, novamente, alunos com surdocegueira, você sabe, eles podem se comunicar de forma diferente. Pode ser um pouco mais desafiador encontrar algumas semelhanças entre os alunos. E isso é algo para se manter em mente. Mas é possível pois crianças ainda são crianças. Todos eles terão algo em comum.

**Julie Maier** [00:35:25] Kayla, eu poderia adicionar algo aqui?

**Kayla Coburn** [00:35:27] Sim!

**Julie Maier** [00:35:28] Eu acho que outra coisa importante para os colegas saberem é que eles realmente entendam como pode ser a visão de um aluno em particular ou o que ele está ouvindo e se ele está usando alguma tecnologia assistiva com isso. Então, acho que para eles entenderem como pode ser mais difícil ler as coisas no quadro se você tiver uma perda visual ou como pode ser mais difícil participar do jogo ou conversar com um amigo na hora do almoço se você tiver perda auditiva, para que eles realmente entendam como é diferente. Mas então é assim que você fala sobre as diferenças, mas você não quer que as diferenças se destaquem, e sim pensar nos interesses e talentos individuais ou nas semelhanças, mas eu acho que você também não quer não falar sobre a visão ou perda auditiva, porque você quer que eles entendam que isso afetará a forma como eles interagem uns com os outros ou fazem um projeto juntos ou qualquer outra coisa.

**Kayla Coburn** [00:36:24] Sim. Na verdade, esqueci-me completamente de uma consciência de habilidade que sempre falo para os adultos. Digo a todos para se calarem e tentarem me comunicar coisas realmente básicas, como que estão com fome ou com frio . E geralmente, as pessoas tremem. Eles fingirão comer ou segurar o estômago. E então direi algo mais complexo, como seu amigo roubou sua bola e você a quer de volta. E geralmente, alguém acabará por bater em alguém próximo a eles. E é tipo, OK, sabemos que não podemos bater em nossos amigos. Mas agora você precisava de uma nova maneira de comunicar algo que era mais desafiador. Então essa é definitivamente uma maneira que tentamos nos concentrar nesses alunos que podem estar se comunicando de forma diferente ou se eles não podem ver ou ouvir o mesmo que você, como nós podemos encontrar uma maneira de vocês ainda se comunicarem com sucesso, o que é muito importante de fazer. E, na verdade eu adoro, mas não escrevi aqui, mas todos os livros “Tudo sobre mim” são ótimos livros para os alunos, onde se pode falar sobre se não consigo ouvir com o ouvido esquerdo ou se uso aparelhos auditivos ou óculos ou uso uma bengala branca como essas são ótimas maneiras de compartilhar mais informações com os alunos, onde eles ainda podem, eles ainda podem se conectar e então aprender mais sobre seus amigos, seus novos amigos. Portanto, diferenças na comunicação, você sabe, haverá diferenças e como podemos encontrar uma maneira de nos comunicarmos com sucesso uns com os outros, acomodações, equipamentos, outros suportes. Eu estava falando sobre os aparelhos auditivos e bengalas brancas. Todas essas coisas podem ser ensinadas a outros alunos. Existem livros infantis que podemos fornecer que falam sobre essas diferentes habilidades. Eu sinto que há tantos brinquedos novos saindo com bonecos com aparelhos auditivos, é uma espécie de normalização das diferenças de todos, o que eu realmente estou amando, e então maneiras de interagir e se envolver em atividades com os colegas. Tudo isso é muito importante e deve ser incorporado a essas consciências de habilidades que podem ser feitas em sala de aula.

**Julie Maier** [00:39:12] Então, Kayla, eu vou avançar, mas temos cerca de 20-25 minutos, 20 minutos restantes.

**Kayla Coburn** [00:39:19] OK.

**Julie Maier** [00:39:20] Apenas para deixar você saber.

**Kayla Coburn** [00:39:22] Obrigada.

**Julie Maier** [00:39:23] Você está indo bem.

**Kayla Coburn** [00:39:25] Oh, obrigado. OK, então “Formatos para fornecer essas e todas essas informações. Muitas vezes tenho feito essas aulas e apresentações em grupo, às vezes maiores, como se eu conseguisse algumas turmas de anos diferentes de uma vez, ou poderia ser um evento para toda a escola onde as pessoas gostam de atividades de simulação para tentar ensinar os alunos o que seus colegas podem estar vendo, ouvindo ou sentindo se eles têm uma maneira diferente de como suas habilidades motoras finas podem ser um pouco diferentes, que é uma ótima maneira para os alunos serem mais empáticos com apenas um tipo de compreensão, como, oh, OK, então você não pode me ouvir também. Devo ter certeza de vir até você se quiser falar com você ou me certificar de que, se o seu ouvido direito puder ouvir um pouco mais, vou me certificar de que estou ali quando falar com você. O grupo de almoço de que falamos anteriormente é uma ótima maneira de fornecer informações e apenas praticar a comunicação uns com os outros. E então, informalmente, muitas conversas acontecerão, e novamente, o que Julie estava dizendo, ter o adulto como que sendo a ponte e não, sabe, não retome toda a conversa. Quando eu era uma paraeducadora muitas vezes, porque estou com meu aluno o dia todo, então os alunos às vezes vêm até mim e me perguntam, questionam ou perguntam se podem dizer oi para ele. E levou algum tempo praticando como, ei, você sabe, você pode falar com ele como se não precisasse de mim e, eventualmente, era como se eu não estivesse lá. É como um trabalho em que eventualmente quero ficar de fora porque quero que eles sejam capazes de se comunicar sem mim, e foi isso que aconteceu no final do primeiro ano de escola, meu aluno tinha todo um grupo de amigos que simplesmente ia e ele adorava dançar. E então eles iriam dançar com ele. E eu meio que me sentava lá e observava outros alunos. Eu meio que me tornei um dos adultos que estão lá fora, garantindo que todos os alunos estejam bem. E então eu olhava para meu aluno de vez em quando e ele estava se divertindo com todos os seus amigos. Que é sempre, sempre o objetivo principal. OK, próximo slide. “Quem fornece as informações?” Eles avisam é isso que acontece. Pelo menos no início, deve ser alguém com o conhecimento e a experiência. Então, em minhas escolas, os professores me pediam para entrar ou eu perguntava se eles queriam que eu entrasse e abrisse caminho para ir lá e dar informações sobre meus alunos ou se o aluno é capaz de entrar e falar com todo mundo. Mais uma vez, depende da situação. Se o pai ou irmão, se o irmão está na escola. E essas são sempre ótimas maneiras de tirar o adulto disso. E você tem todos os pares para serem parte disso. Julie, você tem algo a acrescentar a este slide?

**Julie Maier** [00:43:07] Sim, bem, eu realmente quero enfatizar o quão impactante pode ser se um aluno ou uma pessoa com surdocegueira pudesse realmente apresentar as informações. Acho que isso realmente vai longe para os colegas. Mas a outra coisa é, você realmente sabe quando isso está funcionando, quando você realmente informou aos colegas que no ano seguinte eles podem compartilhar informações sobre o indivíduo. Se você tiver um aluno que, digamos, seja um comunicador emergente, talvez não seja capaz de compartilhar tantas informações. Mas se você começar a ver colegas que conhecem o aluno bem o suficiente, defendendo-o e compartilhando essas informações, então você sabe que os esforços que está investindo estão funcionando e valem a pena.

**Kayla Coburn** [00:43:46] Sim, isso realmente me lembra uma história, quando comecei na minha escola primária, fiquei lá por quatro anos e no primeiro ano fui apenas empurrando e pressionando pela inclusão. No segundo ano, encontrei uma professora que realmente é a favor da inclusão junto comigo. E então ela sendo a professora regular e eu sendo a professora de educação especial, você sabe, apenas começamos a aula de amigos e continuamos insistindo. E assim, no meu quarto ano lá, os alunos que estavam no quinto ano estavam jogando uma partida de kickball com meu aluno. Meus alunos não eram mais meus alunos, mas eram todos do quinto ano e estavam jogando kickball. E um dos alunos com deficiência apareceu e todos os alunos estavam prontos para deixá-lo participar sem que nenhum adulto falasse nada. Todos os alunos ficaram tipo, ok, vamos lá. E ele jogou como teria feito em qualquer outro jogo. Eles deixaram o aluno o aluno chutar e alguém estava fingindo que errou a bola para que o aluno pudesse chegar à segunda base. E é algo tão pequeno, mas foi algo que simplesmente aconteceu naturalmente, esses alunos aprenderam a incluir todos nele. E então, esses alunos do quinto ano foram exemplos para todos os outros alunos que estavam assistindo. E toda vez que a escola fazia algo junta, é como se já tivéssemos esses alunos do terceiro, quarto e quinto ano que podiam mostrar aos alunos do primeiro e segundo anos como incluir a todos. Tão naturalmente, o que foi ótimo.

**Julie Maier** [00:45:18] Esse é um excelente exemplo. Isso é muito bom, eu chorei. E então você pode simplesmente fazer isso, resumir isso rapidamente e então passaremos para a parte de facilitação.

**Kayla Coburn** [00:45:28] Sim, é muito importante se conectar com os professores. Um dos melhores conselhos que recebi foi almoçar com todos os professores todos os dias ou o máximo que puder. Fiz amizade genuína com todos esses professores, mas ninguém vai querer tentar a inclusão ou a consciência de habilidade se também não conhecer você. Por isso, é tão importante ser um modelo para todos. Às vezes eu deixo os professores dizerem algumas coisas para mim até onde eu colocava tipo, Oh, não é assim que você diz. Ou eu estava me encolhendo como um professor de educação especial, mas é como se eles não soubessem. Então eu tive que dizer a eles, tipo, sim, meu aluno pode dizer oi para você. Tipo, o que mais eles faziam na sua aula ou sabe, eu sempre meio que os pressiono também. Mas de novo, eu era uma caixa de ressonância para eles, sempre modelando, sempre conversando positivamente, você sabe, nunca diga nada negativo. Porque, você realmente quer que todos sintam a positividade fluindo para fora de sua sala de aula, o que é sempre tão importante. Todos defendendo seus alunos era algo que eu realmente queria. É importante fazer isso. Isso está indo rápido.

**Julie Maier** [00:46:46] Sim, acho que isso mostra que, tipo, você tem que fazer isso, é uma espécie de relações públicas. Essa também é uma parte do trabalho do professor, como a forma como você está retratando seus alunos e as informações que está fornecendo. E não são apenas colegas. São os adultos no campus também. E sim, Kayla é como o epítome da positividade, pessoal. E voltando mais uma vez para algumas lições que Aubrey queria que eu compartilhasse é que os colegas estão observando e ouvindo como os adultos tratam, interagem e falam com os alunos. Portanto, preste atenção a isso. E eles também estão prestando atenção ao respeito que você está demonstrando e às expectativas que você tem para com seus alunos e que tanto os funcionários quanto os alunos precisam de diversidade e habilidade, treinamento de conscientização. Isso era outra coisa que ela sentia que o treinamento em diversidade teria realmente ajudado em sua escola em termos de raça, gênero, religião, deficiência, mas também que ela achava que os adultos precisavam tanto quanto os alunos. Portanto, considere se isso também é verdade em sua escola. Então, nos últimos minutos, queremos apenas passar algum tempo em torno da próxima parte que, uma vez que você comece a dar essas informações e os alunos estejam em espaços comuns compartilhados, você vai querer pensar sobre o seu papel como adulto e como você pode ser um facilitador em vez de um direcionador de coisas. Portanto, como qualquer bom interventor sabe, você quer ser uma ponte, não uma barreira para as interações entre pares. Muita pesquisa foi feita por Michael Giangreco e colegas, e o Dr. Eric Carter, da Vanderbilt, também analisou isso, que muitas vezes os adultos podem ser uma barreira bastante grande para as interações e relacionamentos entre pares porque os pares não aparecem e, especialmente à medida que envelhecem, não tendem a querer sair e interagir com colegas que andam com adultos. Assim, pense em como você pode configurar as coisas, mas então recue. Você quer liderar pelo exemplo. Temos uma foto aqui de uma professora que está de pé do outro lado de uma mesa de três, quatro meninos que estão trabalhando em algo que parece um mapa ou algo assim. Eles estão fazendo juntos e um menino está no meio. Ele é um aluno com surdocegueira e ela está apenas dando uma pequena checagem com eles, dando-lhes um pouco de treinamento ou orientação. E então ela vai dar um passo para trás e voltar e verificá-los mais tarde, conforme necessário. Mas ela sabe que ela deu para essas crianças, elas têm informações sobre este aluno. O aluno está familiarizado com a rotina desta aula. Então ela se sente confiante de que eles vão se dar bem e ela pode ir embora e depois voltar. Os colegas podem ser um modelo realmente poderoso e forte durante todas essas rotinas escolares típicas para ela como interagir nas aulas, mas mesmo fora das aulas durante os períodos de intervalo. Portanto, use pares como esses modelos. E então você está continuamente voltando ao que dissemos antes para enfatizar as semelhanças. Então esta é a hora de fazer isso. Agora, seu papel como facilitador é realmente perceber coisas que podem ser conexões, interesses compartilhados, ajudar as crianças a compartilhar coisas que elas vão fazer no fim de semana juntos ou quais programas eles assistiram na noite passada, ou todo mundo viu o novo vídeo que viralizou? E então ser criativo ao pensar sobre o que poderiam ser atividades e maneiras para as crianças participarem juntas. Portanto, a imagem de baixo é um aluno com surdocegueira do ensino médio. E tudo o que fazíamos é porque ele queria se conectar mais com seus colegas. Ele tinha um tipo de síndrome com cegueira de forma congênita e mais tarde começou a perder a audição. Então, ele meio que não sabia como as coisas estavam mudando tanto com seus colegas. Quando ele chegou ao ensino médio, ele meio que não sabia que as crianças estavam sentadas na mesa do almoço e conversando sobre coisas e rindo de qualquer coisa e fofocando. Ele estava perdendo todas essas conversas. Portanto, precisávamos encontrar maneiras mais estruturadas para ele se conectar. Então pensamos em quais jogos as crianças gostam e eles nos disseram que gostam de jogar um jogo de cartas “Apples to Apples”. Portanto, para esse garoto, por ser um leitor de Braille, tudo o que precisávamos fazer era os cartões em Braille. E então ele pôde participar desse jogo e eles se divertiram muito. Então foi uma maneira que o interventor começou o jogo, o preparou, mas ela realmente pode sair de cena. Então, começou a ser muito mais um momento social durante o almoço com seus colegas do que antes de ele apenas ficar com seu interventor. Então esse é o exemplo e, em seguida, pensando em suas interações com os alunos. Então, novamente, como dissemos antes, eles, os alunos, estão sempre nos observando. Então, realmente queremos ser positivos, mas também adequados à idade em como modelamos para os colegas e como estamos interagindo com o aluno. E como disse Kayla, apenas exalando positividade. Seja divertido. Seja engraçado. Esses são os tipos de coisas que podem realmente ajudá-lo a ser um ímã que atrairá outros colegas também. Mencionei antes que às vezes os colegas vêm e querem pensar que precisam conversar com o adulto e não com o aluno. Então, se isso acontecer, você deve tentar mudar isso e ajudar, se ajudar o colega, fale diretamente com o aluno. Então, para fazer a pergunta para aquele aluno ou trazer o aluno para a conversa, se o aluno usa algum outro tipo de comunicação, então ajudando-o com pistas de toque ou usando algum tipo de sinal ou objetos ou imagens. Sim, oh, e então modelar como eles usam os equipamentos, então muitos de nossos alunos usam equipamentos e diferentes dispositivos e coisas assim, é muito importante que nós modelemos como eles usam, mas também ajudemos os alunos a entender por que eles o estão usando. Como a bengala branca ajuda o aluno a ser mais independente na mobilidade? Como o uso deste dispositivo de saída de voz permite que eles participem da aula? Como o uso de um leitor de tela permite que eles obtenham informações que os outros colegas podem ler visualmente? Então eu acho muito importante que estejamos também modelando como usar o equipamento, mas também ajudando, focando muito na função do equipamento. E então temos apenas mais alguns slides, mas essas são algumas coisas que eu acho, para realmente focar. E quando você está fazendo esse tipo de facilitação e gosto de pensar nisso é que você é meio que um modelo. Falamos muito sobre a modelagem de papel, mas também você é o treinador. E acho que as áreas em que é realmente importante ajudar a desenvolver habilidades e confiança são apenas ajudar as crianças a se conhecerem . Novamente, como Aubrey me disse antes, ela pensa, é com isso que as crianças precisam de mais tempo. Eles precisam de mais tempo apenas para conhecer o aluno individualmente. Então esse pode ser um lugar onde você, como adulto, terá que ficar envolvido por um tempo e meio que iniciar a conversa ou compartilhar coisas como, oh, ei, você sabia que ele também tem três cachorros, talvez a outra criança tem cachorros ou algo parecido? Ou você sabia que a família deles sempre vai à praia todo verão para fazer coisas assim? Assim, ajudando-os a se conhecerem, talvez ensinando sinais específicos ou frases sinalizadas se o aluno for um comunicador emergente, para que os alunos tenham uma maneira de se conectar. Então algumas das fotos que você viu antes eram de um menino acostumado a ver sinal, sinalizava alguns sinais em inglês exato. Mas as crianças de sua classe sabiam quais ele usava. Então eles puderam se comunicar com ele e ele gostou muito disso. Talvez se eles usarem um sistema de comunicação tátil ou de imagem, você vai mostrar a eles como fazer isso. Então, você vai continuar modelando para que as crianças se sintam confiantes para que não fiquem sempre esperando e não se aproximando de um aluno ou não interagindo porque os adultos não estão lá. Também podemos ser treinadores ou modelos em termos de interpretar o que as vocalizações ou a fala de alguém podem ser se forem difíceis de entender ou ajudá-los como colegas a aprender como fazer uma determinada rotina ou atividade. Então, se os alunos vão, tipo, aprender a jogar um jogo no recreio juntos ou se eles vão ajudá-los com suas atividades de diário na aula ou se vão com eles ao jogo de basquete no fim de semana, tipo de pensar sobre quais seriam as maneiras pelas quais eles poderiam estar prestando apoio de forma realmente recíproca e equilibrada. Não como mais um ajudante para eles, mas realmente de uma maneira que qualquer amigo faria para ajudar alguém que precisasse de apoio. E então, finalmente, pensando sobre que tipos de perguntas ou sugestões o colega poderia usar quando se oferecesse para ajudar o aluno a concluir uma tarefa da classe ou brincar juntos. Então, novamente, o que não queremos é definir quando os colegas chegarão e pensarão que são os professores ou que algum tipo de tutor e isso é o que realmente vale. Acho que não estamos apenas pensando que não queremos apenas um relacionamento com um tutor ou um adulto, outra criança, um professor infantil. O que queremos é relacionamentos recíprocos entre pares. Então, dessa forma, acho que os ajuda a pensar sobre qual seria a melhor maneira que eu poderia oferecer para ver se o aluno gostaria de ajuda ou para perguntar se eles querem jogar um jogo juntos. Portanto, acho que dar a eles ferramentas para fazer isso pode ajudar muito. Isso é o que eu encontrei como professora. E, finalmente, queremos apenas enfatizar e sinto muito por estar correndo muito aqui no final, mas queremos ter certeza de que cobriremos tudo. Então qualidade em vez de quantidade para que eles não tenham que ser amigo de todas as crianças da classe ou de todas as crianças de sua série. Realmente pense em se concentrar em alguns relacionamentos fortes e sustentáveis, porque eu vou te dizer, eu vi isso acontecer e os documentos de pesquisa para esses relacionamentos se expandiram quando aqueles poucos amigos passaram a conhecer bem aquela criança e então eles têm seus amigos que então se conectam à criança. Então, todas essas diferenças são como a ondulação em uma lagoa, eles se conectam a mais e mais coisas e, em seguida, procuram por crianças que têm um interesse comum e estilo de interação. É assim que as crianças típicas ficam juntas. Eles encontram alguém. Se você for uma criança mais quieta ou introvertida, você encontrará alguém como você. Se você é realmente extrovertido, um palhaço da classe, você também encontrará. As crianças que gostam de dançar e fazer passos de dança no quintal, elas se encontram. Portanto, procure crianças que compartilham interesses e o mesmo tipo de estilo de interação ao invés de, ah, eu acho que as crianças podem ser muito legais ou aquela criança é a presidente da classe ou aquela garota sempre quer ajudar a olhar as pessoas. Procure por essas coisas que vão conectar. E a mesma coisa com atividades e eventos. Veja as coisas com que eles vão se divertir juntos e onde podem estar participando, em vez de pensar que as crianças que estão na classe de educação especial só podem estar naquele grupo ou apenas fazer essa atividade. Realmente pense nos alunos individualmente. E o slide final que gostaria de deixar é esta outra foto minha com um jovem com quem dei aulas quando ele estava no primeiro ano e, no ano passado, não lembro se em uma festa de Natal ou na festa de aniversário de um adolescente, o encontrei novamente e eu não o via há talvez, eu não sei, oito ou nove anos quando ele tinha se formado no ensino médio e eu sabia que aquela era sua formatura. E então ele fez algumas aulas em faculdades comunitárias e agora está morando em alguma cidade distante de onde sua família mora com outro homem com deficiência em uma moradia para pessoas com deficiência. Ele está em uma aula de dança com uma garota cuja festa eu fui e então nos reconectamos. E ele estava me contando na festa, começamos a conversar na festa sobre sua escola primária onde eu era sua professora, e ele começou a se lembrar de todos os nomes de todos os colegas de quem era amigo. E esses eram seus pares. Ele se lembrou de seus nomes e sobrenomes. Ele se lembrou de coisas que fez junto com eles. Ele se lembrava das crianças nos jogos que eles jogavam. Ele se lembrou de certas crianças com as quais ele viajou durante. E isso você sabe, isso é algo como vinte e dois vinte e três anos depois. Isso teve um grande impacto em sua vida. Então, se você fizer isso direito, se você garantir que as crianças estejam no mesmo espaço juntas para que não sejam segregadas separadamente, se você der informações a elas e, em seguida, facilitar e apoiar esses relacionamentos para que floresçam terá um enorme impacto. Tenho certeza de que a razão pela qual esse homem vive de forma tão independente quanto vive e tem um amplo círculo de amigos é porque nos concentramos nisso quando ele era jovem e era uma alta prioridade para sua família e para seus professores. E a citação final que temos é que "andar com um amigo no escuro é melhor do que andar sozinho na luz". E isso é de Helen Keller. Então pensamos que era uma frase perfeita para o Simpósio do Texas sobre Surdocegueira. E a última coisa que eu queria dizer é se você acessar nossa página da Web para nosso projeto, www.cadbs.org. Na coluna à esquerda, a parte da guia, está o nosso boletim informativo, e se você for para os dois últimos boletins, há dois artigos. Um artigo era criando conexões. E este é sobre construir relacionamentos por meio de informações, então a maior parte do que compartilhamos hoje foi baseado nesses artigos e mais em nossas próprias histórias. Portanto, se você deseja obter mais informações, acesse nosso site e encontre-os. Você tem algo para terminar nos últimos segundos?

**Kayla Coburn** [01:00:03] Não, isso foi lindo.

**Julie Maier** [01:00:05] Foi divertido apresentar juntas, e com certeza gostaríamos de estar juntas com todos neste simpósio, mas não estamos. Então, vai ser divertido encontrar uma maneira de compartilhar informações. E boa sorte para você em ajudar as crianças a construir esses relacionamentos positivos!